Contra a Crítica da Mentira: Os Fundamentos da Crítica Social no Rap

A crítica verdadeira é, antes de tudo, uma negação. Não uma negação vazia, moralista ou retórica, mas uma negação histórica, fundamentada na consciência das contradições do mundo e no desejo de superação da ordem vigente. Crítica, nesse sentido, não é opinião. Não é juízo de gosto. Não é entretenimento intelectual. A crítica é, ontologicamente, o gesto de ruptura com o dado, com a aparência naturalizada da realidade. É o exercício da negatividade como força criadora. E no tempo presente, marcado pela espetacularização da política, pela estetização da dissidência e pela transformação de tudo em mercadoria (inclusive a revolta) pensar os fundamentos da crítica tornou-se uma necessidade vital.

O rap nos oferece um campo privilegiado para essa reflexão. Porque o rap, enquanto linguagem política das ruas, foi historicamente expressão concreta da crítica social: denúncia da violência estatal, da miséria, do racismo, da marginalização estrutural. Foi a voz que o mundo queria calar. Mas à medida que o rap foi sendo absorvido pela lógica do mercado, pela indústria cultural, pelos algoritmos e pelas grandes marcas, sua crítica foi sendo convertida em performance. Em estilo. Em valor de troca. E assim, onde antes havia grito, passou a haver apaziguamento. Onde antes havia enfrentamento, passou a haver cálculo. Onde antes havia um "nós contra eles", passou a haver um "eu contra todos". A crítica (essa que nega o mundo tal como ele está) foi então domesticada. E a sua forma domesticada é o que eu chamo aqui de crítica da mentira: aquela que simula enfrentamento, mas se curva à lógica dominante ou se apresenta como radical, mas se move com os cuidados da diplomacia empresarial. Ela pode ser também aquela que denuncia, mas só até onde é seguro e, por fim, por vezes se apresenta como aquela que se veste de combatividade para garantir engajamento, prestígio e relevância no mercado simbólico.

Mas o que é crítica, de fato? Marx, ainda nos seus primeiros manuscritos, já intuía que o ser humano só se realiza ao transformar o mundo, e essa transformação começa com a recusa. A crítica é o gesto prático e teórico de negar aquilo que se impõe como necessário, como inevitável, como natural. Lukács, por sua vez, vai afirmar que a crítica não é apenas uma atividade da consciência individual, mas a manifestação subjetiva da contradição objetiva da realidade social. A crítica só existe porque o mundo é contraditório. E só é revolucionária quando se ancora nessa contradição real, e não em

palavras decoradas. Mas o que o capitalismo fez com isso? Aprendeu a absorver a crítica. Tornou-a inofensiva. Estilizou-a. Vendeu-a. Tornou a crítica mais um nicho de mercado. Como Adorno apontou, a indústria cultural é capaz de incluir a crítica como ornamento. É o "rebelde" no outdoor da marca de tênis. É o "protesto" roteirizado em festival patrocinado por banco. É o rapper consciente gravando propaganda institucional. É o discurso crítico sem negatividade histórica, sem ruptura concreta, sem antagonismo real.

No campo do rap, isso é dramático. Porque o rap nasceu como crítica viva. Como palavra que sangra. Como denúncia social encarnada na voz dos marginalizados. Mas o que vemos hoje, em muitos casos, é a crítica transformada em fetiche. O discurso da consciência como produto. O engajamento político como diferencial de mercado. A performance da crítica como simulação de profundidade. A crítica social se tornou uma grife. E o artista, muitas vezes, se converteu em gestor da própria rebeldia. Em curador da própria imagem dissidente. Em empresário do seu engajamento. E assim, o discurso do "acordar o povo" convive perfeitamente com as marcas de luxo, com os convites para eventos institucionais, com as conexões empresariais. O rapper que ontem dizia "foda-se o sistema", hoje diz: "tô com as marcas certas". A crítica virou estratégia. A consciência virou capital simbólico. Mas a crítica verdadeira (e é preciso repetir isso) não é estratégia. Não é tática de autopromoção. Não é jogada de marketing. A crítica verdadeira é ruptura, desobediência, antagonismo. Ela não se curva ao jogo das aparências. Não se adapta às exigências do mercado. Ela é um risco. Um perigo. Uma ameaça real aos consensos. A crítica verdadeira não está preocupada com a manutenção de alianças. Ela sabe que pensar é romper. Que negar é desagradar. Que a coerência custa caro.

Por isso, no tempo da crítica pasteurizada, da indignação performática, da fala domesticada, precisamos recuperar a dimensão ontológica da crítica: o seu fundamento radical, a sua essência negativa, o seu compromisso com a transformação da totalidade. Isso significa recusar o simulacro, o espetáculo, o cinismo disfarçado de lucidez. Significa reconhecer que a crítica social no rap (se quiser continuar sendo crítica) precisa recusar o lugar confortável da aceitação simbólica. Precisa negar também o sucesso, o prestígio, os convites e as palmas. Precisa ser perigosa de novo. Porque se a crítica não fere, não é crítica. Se não incomoda, é concessão. Se não afronta, é maquiagem. A crítica verdadeira exige coragem. Coragem de dizer não quando todos dizem sim. Coragem de romper quando todos aplaudem. Coragem de pensar contra o próprio tempo. E no rap, isso significa dizer o que muitos não querem ouvir: que a crítica virou mentira. Que o discurso

revolucionário virou produto. Que a dor virou fetiche. Que a consciência virou instrumento de distinção simbólica. Que muitos dos nossos ídolos (e isso é duro de dizer) foram capturados pela lógica que diziam combater.

Recuperar a crítica é recuperar o gesto de negação. E negar não é destruir por destruir. É abrir a possibilidade do novo. É afirmar o que ainda não existe. É dizer: o mundo não precisa ser assim. E, por isso, recusar este mundo. Contra a crítica da mentira, precisamos de uma crítica viva. De uma crítica radical. De uma crítica que morda, que sangre, que arrebente os discursos prontos. Porque pensar é negar. E negar é o começo de toda libertação.

Arthur Moura